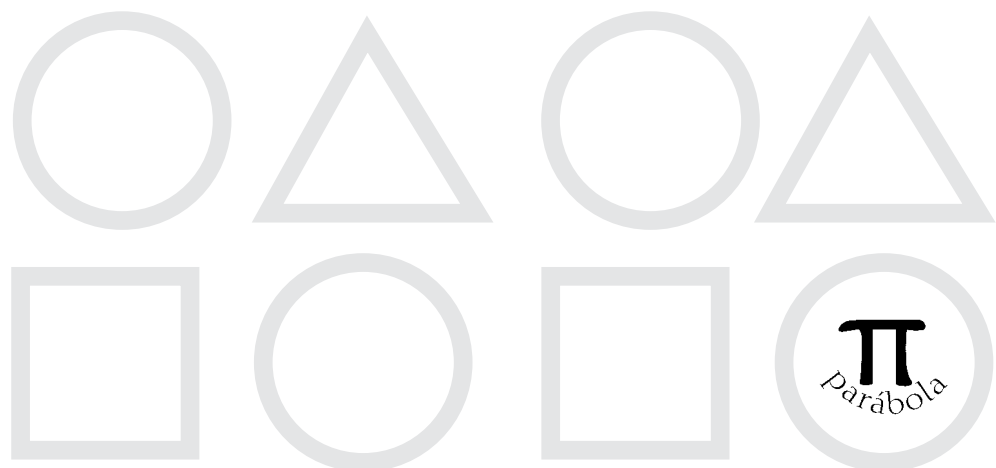


William Labov

TRADUÇÃO: Marcos Bagno, M^a Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso



PADRÕES SOCIOLINGÜÍSTICOS



Título original:
Sociolinguistic Patterns
Copyright © 1972 by the University of Pennsylvania Press, Inc.
Eleventh printing 1991
ISBN: 0-8122-1052-2

EDITOR: *Marcos Marcionilo*

CAPA E PROJETO GRÁFICO: *Andréia Custódio*

CONSELHO EDITORIAL: *Ana Maria Stahl Zilles* [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Univ. de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L124p

Labov, William

Padrões sociolingüísticos / William Labov; tradução Marcos Bagno,
Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. - São Paulo,
Parábola Editorial, 2008.

392p. - (Lingua[gem] ; 26)

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-88456-85-3

1. Sociolingüística. I. Título. II. Série.

08-3638

CDD: 401.9

CDU : 81'42

Direitos reservados à

PARÁBOLA EDITORIAL

Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga

04281-070 São Paulo, SP

pabx: [11] 5061-9262 | 5061-1522 | fax: [11] 5061-8075

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-85-3

© da edição brasileira: Parábola Editorial, São Paulo, setembro de 2008

Para Uriel Weinreich

Sumário

Apresentação da edição brasileira	9
<i>Marcos Bagno</i>	
Introdução	13
1. A motivação social de uma mudança sonora	19
2. A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na Cidade de Nova York	63
3. O isolamento de estilos contextuais	91
4. O reflexo dos processos sociais nas estruturas lingüísticas	139
5. A hipercorreção pela classe média baixa como fator de mudança lingüística.....	151
6. Dimensões subjetivas de uma mudança lingüística em progresso...	173
7. Sobre o mecanismo da mudança lingüística	191
8. O estudo da língua em seu contexto social	215
9. O quadro social da mudança lingüística	301
Bibliografia.....	375
Índice remissivo	383
Lista de figuras.....	390
Lista de tabelas	391

Apresentação da edição brasileira

A PUBLICAÇÃO de *Padrões sociolingüísticos* em português brasileiro constitui um empreendimento fundamental para a ampliação e o aprofundamento da influência dos trabalhos de William Labov entre nós. A sociolingüística variacionista encontrou no Brasil um dos campos mais férteis para a aplicação de seus postulados teóricos e de sua metodologia de trabalho empírico, e desde a década de 1970 tem se acumulado um respeitável volume de investigações aqui empreendidas dentro desse paradigma. No entanto, e até paradoxalmente, nenhum dos clássicos da área foi objeto, nesses mais de trinta anos, de um trabalho cuidadoso de tradução que possibilitasse o acesso de um público mais amplo, e mesmo dos profissionais não familiarizados com a língua inglesa, aos textos fundadores da disciplina. Essa lacuna começou a ser suprida quando, em 2006, traduzi o ensaio *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*, de Weinreich, Labov e Herzog (1968), publicado por esta mesma Parábola Editorial, com estudo introdutório de Carlos Alberto Faraco e posfácio de Maria Eugênia L. Duarte e Maria da Conceição Paiva. Agora, com *Padrões sociolingüísticos*, mais um passo importante se dá no esforço de ampliar este acesso.

O impacto do trabalho de Labov sobre os estudos da linguagem é amplamente reconhecido. Muito embora o seu conceito de “social” venha sendo criticado (e com razão) por estudiosos filiados a outras correntes teóricas — como a análise do discurso, a sociologia da linguagem, a antropologia lingüística, a sociolingüística interacional etc. —, é inegável que a sociolingüística variacionista tem fornecido suporte empírico para o combate às construções ideológicas que se apóiam nas diferenças

lingüísticas como pretexto para suas políticas de discriminação e de exclusão social. A própria militância de Labov na defesa do que ele chamou, em artigo clássico de 1966, de “A lógica do inglês não-padrão” — a defesa do inglês dos negros norte-americanos como uma língua dotada de regras perfeitamente demonstráveis e coerentemente seguidas por seus falantes — tem inspirado a luta daqueles que reconhecem no uso da língua o mais importante elemento da cultura e da vida em sociedade, sendo portanto um constituinte essencial da consolidação da cidadania e do convívio democrático. No terreno da educação, o reconhecimento da variação lingüística em sua estreita correlação com a heterogeneidade social tem redirecionado de modo radical as concepções de língua e de ensino de língua nas diretrizes oficiais e na prática pedagógica em sala de aula.

Traduzir *Padrões sociolingüísticos* foi um desafio ao mesmo tempo estimulante e árduo. O estilo pessoal de Labov dificulta, em diversos momentos, depreender de forma clara o sentido de suas afirmações. Por isso, foi fundamental o recurso a outras traduções já realizadas da obra: a espanhola — *Modelos sociolingüísticos* (Madrid, Cátedra, 1983, tradução de José Miguel Herreras) — e a francesa — *Sociolinguistique* (Paris, Minit, 1976, tradução de Alain Khim) —, que conta, esta última, com um excelente prefácio de Pierre Encrevé, onde os postulados labovianos são analisados à luz da sociologia da linguagem de Pierre Bourdieu. Assim, diante de alguma opacidade de sentido ou dúvida mais premente, optei por seguir a direção tomada pelos outros tradutores, quando suas soluções me pareceram adequadas e coerentes com o todo do texto.

Finda a primeira versão do livro, me pareceu imprescindível submetê-la à apreciação de outras pessoas, leitores privilegiados, conhecedores da obra de Labov e capazes de fazer uma apreciação justa e severa do trabalho. Convidei, então, para esta “revisão crítica” as sociolingüistas Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso, que logo aceitaram a tarefa, conscientes de que se tratava de um projeto importante para o fortalecimento da disciplina nos meios acadêmicos brasileiros. Juntas, empreenderam um trabalho inestimável, propuseram tantas e tão boas alterações para aquela versão — sobretudo num esforço de deixar o texto o mais brasileiro possível — que me pareceu justo e necessário reconhecer nelas a condição de co-tradutoras e não somente de revisoras. O livro que agora oferecemos ao leitor brasileiro tem um texto traduzido que é o resultado de um trabalho coletivo de reflexão e inter-

pretação, empreendido num ambiente de admiração mútua, respeito e carinho que só as boas amizades possibilitam. Deixo aqui impresso o meu profundo agradecimento a essas duas artesãs que, ao longo de um ano de leitura criteriosa, lapidaram a versão bruta do meu texto inicial, produzido em pouco mais de três meses. Levantar as estruturas básicas de uma casa é sempre mais rápido e mais fácil do que dar o acabamento final, que transforma uma construção anônima num lar de verdade. Por isso esse acabamento leva mais tempo e exige o exercício da paciência. Se hoje os leitores brasileiros podem habitar esse livro de Labov, é graças principalmente a Marta e Carol.

Agradecemos também o empenho de Anthony J. Naro, que intercedeu junto a Labov para que se iniciasse a negociação dos direitos de tradução e publicação. A história da sociolinguística no Brasil deve muito a Naro, que formou a primeira geração de sociolinguistas — geração que continua em plena atividade — e orientou os trabalhos pioneiros entre nós nesse campo de investigação.

Pessoalmente, registro aqui minha gratidão a Egon de Oliveira Rangel, em cujo escritório paulistano realizei boa parte do trabalho de tradução inicial e onde tive acesso à edição francesa do livro de Labov. E a Pedro Perini-Santos, que me presenteou com o exemplar de *Sociolinguistic Patterns* que serviu de base para a tradução. Por fim, e mais importante, agradeço a Andréia Custódio e Marcos Marcionilo, meus queridos amigos e editores, que me deram todo o apoio para levar adiante mais este projeto.

Universidade de Brasília, agosto de 2008.

MARCOS BAGNO

Introdução

POR VÁRIOS ANOS, resisti ao termo *sociolingüística*, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática lingüística bem-sucedida que não é social. Quando publiquei pela primeira vez os estudos sobre Martha's Vineyard e Nova York, que compõem a base da primeira parte deste livro, pareceu necessário reafirmar esse ponto repetidas vezes. Apesar de um considerável volume de atividade sociolingüística, uma lingüística socialmente realista parecia uma perspectiva remota nos anos 1960. A grande maioria dos lingüistas tinha se voltado resolutamente para a contemplação de seus próprios idioletos. Ainda não emergimos da sombra de nossas intuições, mas não parece mais ser necessário brigar sobre o que é ou não é lingüística. Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na lingüística tem de ser encontrada na fala — a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos.

Quando me iniciei na lingüística, como estudante, em 1961, era minha intenção coletar dados no mundo secular. Os primeiros projetos que concebi eram “ensaios em lingüística experimental”, levados a cabo em ambientes sociais corriqueiros. Meu objetivo era evitar a inevitável obscuridade dos textos, a inibição das elicitções formais e o auto-engano da introspecção. Uma década de trabalho fora da universidade como químico industrial tinha me convencido de que o mundo cotidiano era rebelde, mas consistentemente rebelde, desconcertante no início, mas recompensador em longo prazo para aqueles que se apegavam a seu caráter racional. Uma simples revisão da literatura me convenceria de que tais princípios empíricos não tinham lugar na lingüística: existiam diversas barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária. Primeiramente, Saussure ti-

na enunciado o princípio de que os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado tinham de ser estudados separadamente (1949: 124). Esse princípio tinha sido consistentemente erodido por Martinet (1955) e outros, que encontraram estrutura nas mudanças passadas, mas pouco progresso fora feito na localização da mudança nas estruturas presentes. A segunda barreira ideológica afirmava explicitamente que a mudança sonora não podia, em princípio, ser observada diretamente. Bloomfield defendia a regularidade da mudança sonora contra a evidência irregular do presente declarando (1933: 364) que quaisquer flutuações que pudéssemos observar seriam apenas casos de empréstimo dialetal. Em seguida, Hockett observou que, embora a mudança sonora fosse lenta demais para ser observada, a mudança estrutural era rápida demais (1958: 457). O estudo empírico da mudança lingüística estava, portanto, eliminado do programa da lingüística do século XX.

Uma terceira restrição era, talvez, a mais importante: a variação livre não podia, em princípio, ser condicionada. O postulado básico da lingüística (Bloomfield 1933: 76) declarava que alguns enunciados eram o mesmo. Por conseguinte, eles estavam em variação livre, e se considerava lingüisticamente insignificante saber se um ou outro ocorria num momento particular. Relações de *mais* ou *menos*, portanto, eram descartadas do raciocínio lingüístico: uma forma ou regra só podia ocorrer sempre, opcionalmente ou nunca. A estrutura interna da variação ficava, portanto, removida dos estudos lingüísticos e, com ela, o estudo da mudança em progresso.

Também se sustentava que os sentimentos acerca da língua eram inacessíveis e estavam fora do escopo do lingüista (Bloch & Trager 1942). A avaliação social das variantes lingüísticas estava, portanto, fora de consideração. Esse é simplesmente um aspecto da afirmação mais geral de que o lingüista não devia usar dados não-lingüísticos para explicar a mudança lingüística (cf. a primeira seção do capítulo 9). Ao longo dessas discussões, vemos diversas referências àquilo que o lingüista pode ou não pode fazer *enquanto lingüista*.

Eu poderia de fato ter desconsiderado todas essas restrições graças à minha própria inclinação e resistência à autoridade. Mas tive a sorte de encontrar na Columbia University um professor pouco mais velho do que eu, cuja intuição, imaginação e força criativa há muito tempo já tinham ultrapassado tais restrições. É impossível para mim avaliar a contribui-

ção de Uriel Weinreich aos estudos relatados aqui. Aprendi com ele em cursos sobre sintaxe, semântica, dialetologia e história da lingüística; ele orientou meu trabalho sobre Martha's Vineyard (capítulo 1), que foi minha dissertação de mestrado, e o estudo sobre Nova York (capítulo 2), que foi minha tese de doutorado. No entanto, naquilo tudo ele não impôs sua própria visão ou sugestão direta acerca de que caminho tomar. Mas com cautela, moderação e exemplos, ajudou a dirigir meus próprios projetos para os canais mais propícios. Weinreich tinha um extraordinário senso de direção em lingüística; raramente dava um passo em falso em seus próprios projetos de pesquisa, e todos nós tiramos proveito de suas intuições. Recentemente tive a oportunidade de ler alguns dos esboços e projetos inéditos de Weinreich para o estudo do multilingüismo e da variação social na comunidade de fala. Descobri que seu pensamento tinha se antecipado ao meu em vários anos e, sem dúvida, desempenhado um papel muito maior nos resultados oferecidos aqui do que pode transparecer nas referências explícitas. Mais do que qualquer outra coisa, me beneficiei da calma convicção de Weinreich de que estávamos nos movendo no rumo que uma lingüística racional e realista inevitavelmente deveria tomar.

Em 1966, Weinreich propôs a Marvin Herzog e a mim que escrevêssemos juntos um ensaio sobre os *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*¹, para uma conferência na Universidade do Texas. Tal como o finalizamos, aquele artigo incorporou os resultados do meu próprio trabalho em Nova York e em Martha's Vineyard, as descobertas de Herzog sobre a dialetologia do iídiche no norte da Polônia e a visão global de Weinreich, que criou o Atlas lingüístico e cultural dos judeus asquenazes. Tudo isso foi encaixado numa visão mais ampla da história da lingüística, que foi produto exclusivo da erudição de Weinreich. Na primavera de 1967, quando se deu conta de que lhe restava pouco tempo de vida, Weinreich se dedicou com grande energia à revisão final daquele ensaio. Em suas duas últimas semanas de vida, Weinreich reelaborou a introdução ao ensaio de um modo que capta claramente sua visão geral da natureza da linguagem e a relação da linguagem com a sociedade. Tal introdução postula o tema principal deste volume melhor do que qualquer passagem de minha própria autoria:

¹ U. Weinreich, M. Herzog, W. Labov (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Trad.: M. Bagno. São Paulo: Parábola Editorial.

Os fatos da heterogeneidade, até agora, não se harmonizaram bem com a abordagem estrutural da língua. [...] Pois quanto mais os lingüistas têm ficado impressionados com a existência da estrutura da língua, e quanto mais eles têm apoiado essa observação com argumentos dedutivos sobre as vantagens funcionais da estrutura, mas misteriosa tem se tornado a transição de uma língua de um estado para outro. Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? [...] A solução, argumentaremos, se encontra no rompimento da identificação de estruturalidade [*structuredness*] com homogeneidade. A chave para uma concepção racional da mudança lingüística — e mais, da própria língua — é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. Argumentaremos que o domínio de um falante nativo [*nativelike command*] de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com o “mero” desempenho, mas é parte da competência lingüística monolíngüe. Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional [Weinreich, Labov & Herzog 1968 (2006): 100-101]*.

Os seis primeiros capítulos deste livro são relatos de estudos particulares que contribuem para comprovar a opinião que Weinreich expressava, e os três últimos levam adiante o argumento num arcabouço mais amplo. Alguns capítulos foram publicados anteriormente, mas aqui sofreram considerável revisão. Os capítulos 3 e 6 não foram publicados antes, embora se baseiem em materiais relatados parcialmente em Labov 1966. Os capítulos 2-6 recobrem em grande parte os métodos e resultados de *The Social Stratification of English in New York City* (Labov 1966a); cada um deles é organizado em torno de um problema específico que foi abordado naquela obra. Os capítulos 7-9 são estudos sintéticos que combinam aqueles resultados com outros para projetar uma visão mais ampla da natureza da estrutura lingüística e da mudança lingüística. O capítulo 7, “Sobre o mecanismo da mudança lingüística”, usa os resultados de Martha’s Vineyard e de Nova York numa projeção global sobre o curso da mudança e que antecedeu as afirmações dos *Fundamentos empíricos*. O capítulo 8, “O estudo da língua em seu contexto social”, faz um levantamento geral dos problemas, resultados e perspectivas de uma lingüística socialmente realista. Pode ser considerado

* Citamos aqui a tradução brasileira: Weinreich, Labov e Herzog (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Trad.: M. Bagno. São Paulo, Parábola Editorial, pp. 35-36 (n. da tradução)

uma versão resumida de um texto mais amplo sobre “Linguística secular”, dirigido àqueles que se interessam por entrar na comunidade de fala para encontrar uma base sólida para a teoria linguística. Este capítulo se aproveita intensamente da investigação sobre o inglês vernáculo negro, a qual está relatada em maior profundidade nos capítulos 1-4 de *Language in the Inner City* (1972) e nos relatórios de pesquisa em dois volumes do Cooperative Research Project 3228 (Labov, Cohen, Robins & Lewis 1968). Este trabalho explora mais profundamente do que os capítulos 2-6 a variação que se encontra dentro de um esquema de regras, e desenvolve o tratamento formal das regras variáveis. Os leitores que desejarem prosseguir nos rumos propostos no capítulo 8 encontrarão uma apresentação mais detalhada nos capítulos 3 e 4 de *Language in the Inner City*, que se ocupam, respectivamente, da contração e do apagamento da cópula e da atração e concordância negativas. O capítulo 3 daquele livro apresenta o desenvolvimento das regras variáveis muito mais detalhadamente do que foi possível no capítulo 8, incorporando as revisões do modelo Cedergren-Sankoff.

O capítulo 9 compõe uma seção de acompanhamento do capítulo 8, examinando os aspectos diacrônicos das questões sincrônicas apresentadas ali. Tanto o capítulo 8 como o capítulo 9 baseiam-se fortemente nas descobertas de outros pesquisadores, e os desenvolvimentos posteriores decorrentes do trabalho relatado nos capítulos 1-6 estão ali representados. Juntos, os capítulos 8 e 9 formam um pequeno texto sobre problemas e métodos sociolinguísticos, bem como sobre a abordagem sociolinguística da teoria linguística, e oferecem um esquema pelo qual se organizaram cursos de sociolinguística.

Sou grato a vários colegas pela ajuda e pelas contribuições críticas ao trabalho relatado aqui. Michael Kac realizou várias das entrevistas no Lower East Side, que forneceram os dados para os capítulos 3-6. Esse levantamento secundário foi empreendido com o auxílio do departamento de pesquisa da Mobilization for Youth; agradeço ao diretor de pesquisa, Wyatt Jones, por sua assistência em diversos aspectos. O próprio levantamento se beneficiou amplamente das instruções e dos conselhos de Herbert Hyman, da Columbia University. O trabalho sobre o inglês vernáculo negro referido no capítulo 8 foi o produto de um esforço conjunto. As análises e intuições teóricas oferecidas por Paul Cohen deram importante contribuição às conclusões apresentadas aqui, e o trabalho de campo de Clarence Robins e John Lewis foi a base para tudo o que se realizou.

A análise geral da variação no capítulo 8 se beneficiou de diversas trocas com C.-J. Bailey. A interpretação formal das regras variáveis incorporou diversas contribuições de Joshua Waletzky; na presente formulação revista, minha dívida para com Henrietta Cedergren e David Sankoff é reconhecida em diversos momentos. Sua contribuição quantitativa ao tratamento dos condicionamentos variáveis me parece um grande avanço que influenciará profundamente os rumos futuros deste domínio.

Em vários momentos críticos da pesquisa e da análise, recebi um auxílio importante de minha esposa, Teresa, que aprofundou meu próprio entendimento sobre a estrutura das ordens sociais que encontrei.

Durante os primeiros estágios de preparação deste livro, fui contemplado com uma bolsa da Fundação Guggenheim, cujo auxílio eu gostaria de agradecer aqui enfaticamente.

Durante o ano de 1971-72, trabalhei como professor-pesquisador no Center for Urban Ethnography e agradeço profundamente a esse centro o apoio que tornou possível compilar este volume, junto com *Language in the Inner City*. O estímulo inicial para reunir estes estudos num único volume e organizá-los num todo unificado e coerente veio de Erving Goffman, por cujo auxílio e encorajamento quero expressar aqui minha gratidão.

Ao longo destas páginas, ficará óbvio que minha dívida mais profunda é para com os muitos falantes de inglês que me convidaram às suas casas, compartilharam comigo suas varandas, suas esquinas de rua e seus bancos de praça, que se desviaram de outros afazeres para conversar, transformando suas próprias experiências em linguagem para o meu benefício. Somente uma pequena parte do que aprendi com eles pode ser encontrada aqui. Mas espero que este trabalho reflita a infinita variedade da vida cotidiana e a grande satisfação de encontrar e gravar os usuários da língua. Aqueles que têm se servido dos recursos reais da comunidade de fala descubrem que o trabalho de campo é uma rica fonte que nunca se esgota. Descobri que não existe prazer maior do que viajar como um estrangeiro privilegiado a todas as partes do mundo, ser recebido com gentileza e cortesia por homens e mulheres em todos os lugares e compartilhar com eles o conhecimento e a experiência tal como reaparecem em sua linguagem. O lingüista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é o herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e compreender.